

Ânforas béticas provenientes de um achado marítimo ao largo de Tavira, Algarve

A. M. DIAS DIOGO
JOÃO PEDRO CARDOSO

R E S U M O Publica-se aqui um conjunto de ânforas proveniente de um achado marítimo fortuito, efectuado ao largo de Tavira e que deverá indiciar um naufrágio de um barco mercantil romano, proveniente da Bética e datável do século I. Foram recuperadas ânforas dos tipos Haltern 70, Dressel 7/11 e Pompeia VII.

A B S T R A C T The authors publish here a group of Roman amphorae of Haltern 70, Dressel 7/11 and Pompeii VII types, accidentally found by fishermen off the coast of the Algarve. The amphorae, of Baetican origin, seem to come from the remains of a first century wreck.

1. Introdução

Estudamos aqui um pequeno conjunto de ânforas, respeitante a 12 exemplares de fabricos béticos, provenientes de um achado submarino fortuito (processo CNANS 99/88) efectuado em águas portuguesas ao largo de Tavira (coordenadas N 36° 44' 75", W 07° 30' 42"). Este material foi recuperado com redes de arrasto, a cerca de 600 m de profundidade, pela embarcação de pesca costeira "Gamba" VR-55-C e entregue na Capitania do Porto de Olhão pelo pescador, Sr. Miguel Lopes Aleta. Encontra-se, presentemente, em depósito e tratamento no Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática, em Lisboa, a cujo Director, Dr. Francisco Alves, os autores agradecem o gentil convite para o seu estudo.

Para além dos materiais agora publicados, pertencentes a duas ânforas de tipo Haltern 70 e a dez de tipo Dressel 7/11, foram também recuperados dezasseis pequenos fragmentos de bojo, de classificação impossível, mas cujas pastas são semelhantes às das ânforas Dr. 7/11 estudadas.

Como é natural, as pastas das ânforas apresentam alterações provocadas pelo prolongado depósito em ambiente marinho. Não se conservaram quaisquer vestígios de *tituli picti*.

2. Estudo dos materiais

2.1. Ânforas do tipo Haltern 70

Duas ânforas deste conjunto, as n.^{os} 1 e 2 do Catálogo, pertencem ao tipo Haltern 70. Trata-se de uma ânfora vinária, fabricada na Bética entre meados do século I a.C. e meados do século I d.C., podendo chegar aos anos 70. Infelizmente, faltam-nos aqui as bocas que ajudariam a precisar a sua cronologia; no entanto, as características dos outros atributos apontam para uma produção tardia, próximas dos exemplares claudianos dos destroços de Port-Vendres II, de colo alto e lábio de fita pouco saliente, alta e extrovertida (Colls, Étienne, Lequément, Liou e Mayet, 1977, p. 34-35). Os seus vários *tituli picti* já publicados definem estas ânforas como vinárias, por exemplo: *sapa*, em Amiens (Lequément e Liou, 1978) e *defrutum* em Port-Vendres II (Colls, Étienne, Lequément, Liou e Mayet, 1977, p. 86-87). Não nos é ainda possível diferenciar estes dois produtos, que seriam ambos vinho cozido, sendo o *sapa* uma redução a metade da sua medida original (segundo Varrão, frag. d. *Nonius*, 551,23) ou de dois terços (segundo Plínio, *Naturalis Historia*, 14,80). De qualquer modo, tratar-se-ia de uma forma de conservar o vinho, evitando a continuação da sua fermentação.

2.2. Ânforas do tipo Dressel 7/11

Classificamos genericamente as restantes ânforas, as n.^{os} 3 a 12 do nosso Catálogo, como sendo do tipo Dressel 7/11. Todas elas são também de fabricos béticos, e com uma cronologia que poderá ir dos finais do século I a.C. aos finais do I d.C.

Os nossos exemplares n.^{os} 3 a 5 e 10 têm paralelo na ansa de Saint-Gervais, onde foi recuperado um fragmento superior de ânfora com *tituli picti* referindo *scomb(ri) flos* (Liou e Marichal, 1978, p. 131-135), traduzível por “flor de cavala”, ou seja, cavala de primeira qualidade, devendo tratar-se de peixe em salmoura e não de *garum*, como pretendem os autores atrás citados. Espinhas de cavala, possivelmente *scomber colias*, foram encontradas em ânforas de Port-Vendres II, talvez do tipo Dressel 7/11, e não Pompeia VII, como é classificada na sua publicação (Colls, Étienne, Lequément, Liou e Mayet, 1977, p. 40-43 e 78-80)¹.

2.3. Ânforas do tipo Pompeia VII

Ainda dentro das ânforas piscícolas béticas, datáveis dos finais do século I a.C. aos finais do século I d.C., que aqui genericamente classificamos como Dressel 7/11, é-nos também possível diferenciar as nossas números 7 a 9 e 11, como pertencentes ao tipo Pompeia VII. Estas ânforas apresentam duas variantes básicas: de colo alto e troncocónico, introvertido e diferenciado do bojo imediatamente abaixo do arranque inferior das asas (casos de Sud-Lavezzi 2 e Lavezzi 1, datadas de c. 25) e de colo cilíndrico, diferenciado do bojo imediatamente acima do arranque inferior das asas (que é o caso das ânforas que aqui estudamos e da ânfora de Pompeia que estabeleceu o tipo, sendo esta, naturalmente, de datação anterior a 79). Um fragmento superior desta segunda variante, encontrada na ansa de Saint-Gervais, conserva *tituli picti* com a definição do seu conteúdo: *muria* (Liou e Marichal, 1979, p. 135-136).

3. Conclusão

O facto de estas ânforas terem sido encontradas conjuntamente, aliado ao seu estado de conservação, aponta para que estejamos em presença de vestígios de um naufrágio. A própria forma como foram partidas pelas redes de arrasto, algumas sem boca (sobretudo as Haltern 70, de boca mais frágil) e recentemente fracturadas por baixo, indicia o seu depósito vertical, próprio do carregamento de um navio mercante. A conjugação dos espectros cronológicos genéricos das ânforas apresenta uma larga sincronia, definindo para este conjunto um período de circulação compreendido entre os finais do século I a.C. e os anos 70 da nossa era, período que pode ser apertado para *c.* Cláudio a 70, caso se confirmem as datações ainda em elaboração para as variantes dos seus atributos. Deste modo, devemos estar em presença dos destroços de um navio ilustrativo do comércio da Bética no século I, naufragado no Atlântico, em viagem para Ocidente, a apenas cerca de 60 milhas para Oeste de Cádiz.

Um aspecto que não podemos aqui deixar de referir é o das várias coincidências entre o presente achado e outro achado fortuito, ocorrido em 1985 e também efectuado através da pesca do arrasto (Arruda, Frade e Travassos, 1987). Foram, naquela altura, recuperadas duas ânforas pertencentes a dois dos tipos que também agora surgiram: uma Haltern 70 e a outra Pompeia VII (classificada pelos AA. da sua publicação como Beltrán II A, tipo em que a Pompeia VII também se integra). Ambas as ânforas apresentavam os mesmos tipos de fracturas das que agora publicamos: a Haltern 70 sem boca e a Pompeia VII com o fundo partido, sendo esta uma das razões que nos levou a colocar a hipótese de estarmos em presença de vestígios de um naufrágio (Diogo, 1999, p. 247). Estas ânforas teriam sido recuperadas num sítio de localização imprecisa, entre Tavira e Cacula, a cerca de 50 milhas da costa e a 320 braças de profundidade, tendo o pescador afirmado ainda que “era habitual a presença de inúmeros fragmentos cerâmicos nas redes quando incidia a sua actividade naquela área” (Arruda, Frade e Travassos, 1987, p. 127). Embora o presente achado, cuja localização é mais precisa, tenha sido efectuado a cerca de 50 km da costa e não 50 milhas (92,5 km), a localização geral é coincidente, assim como a profundidade de cerca de 600 m. coincide com as cerca de 320 braças do achado anterior, tal como os tipos de ânforas encontradas e o seu estado de conservação, pelo que é muito provável que estejamos, de facto, em presença do mesmo naufrágio.

4. Catálogo

1

Ânfora a que falta a boca e a base do fundo, de tipo Haltern 70.

Colo alto e ligeiramente côncavo. Asa gamiforme, de fita espessa e bilobada na face superior por um chanfro. Bojo barriliforme, de ombros vincados. Fundo troncocónico.

Pasta bege-rosada, dura e arenosa, com abundantes quartzos e inclusões negras. Superfície externa manchada, com vestígios de engobe rosado. Conserva vestígios de um revestimento resinoso na superfície interna.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0002.

2

Fragmento superior de ânfora, a que falta a boca, de tipo Haltern 70.

Colo alto e ligeiramente côncavo. Asa gamiforme, ovalada e bilobada na face superior por um chanfro. Ombros vincados.

Pasta bege-alaranjada, com largo cerne acinzentado, dura e arenosa, com quartzos muito abundantes, inclusões negras e pequenos nódulos ocre. Superfície externa laranja-acastanhada.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0012.

3

Fragmento superior de ânfora, de tipo Dressel 7/11.

Lábio de fita, moldurada e arqueada. Colo ligeiramente côncavo. Asa de fita ovalada e alçada.

Pasta amarelo-alaranjada, com largo cerne cinzento-amarelado, de aspecto microgranuloso, branda e muito fina. Superfície externa bege-rosada, manchada.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0008.

4

Fragmento superior de ânfora, de tipo Dressel 7/11.

Lábio de fita, moldurada e muito arqueada. Colo ligeiramente côncavo. Asa de fita ovalada e alçada.

Pasta rosa-alaranjada, com uma faixa amarelada junto à superfície interna, de aspecto microgranuloso, branda e muito fina, com minúsculas inclusões ocre. Superfície externa bege-alaranjada, manchada.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0009.

5

Fragmento superior de ânfora, de tipo Dressel 7/11.

Lábio de fita, moldurada e arqueada. Colo curto e ligeiramente côncavo. Asa alçada, de fita ovalada e polilobada na face superior.

Pasta amarelo-alaranjada, com largo cerne acinzentado, de aspecto microgranuloso, branda e muito fina, com minúsculas inclusões ocre. Superfície externa bege-rosada, manchada.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0010.

6

Fragmento superior de ânfora, a que falta a boca e parte de uma asa, de tipo Dressel 7/11. Colo ligeiramente côncavo. Asa de fita, gamiforme.

Pasta alaranjada, com cerne rosa-alaranjado, de aspecto microgranuloso, branda e muito fina, com minúsculos nódulos ocres. Superfícies alaranjadas.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0011.

7

Ânfora a que falta boca, fundo e uma asa, de tipo Dressel 7/11 (Pompeia VII).

Asa alta, alçada e de fita. Colo alto e cilíndrico. Bojo ovóide. Fundo largo e troncocónico.

Pasta alaranjada, de aspecto microgranuloso, branda e muito fina, com pequenos nódulos ocres. Superfícies rosa-alaranjadas, manchadas.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0007.

8

Ânfora a que falta a boca, asas e fundo, de tipo Dressel 7/11 (Pompeia VII).

Colo alto e cilíndrico. Bojo ovóide. Fundo largo e troncocónico.

Pasta alaranjada, de aspecto microgranuloso, branda e muito fina. Superfície externa laranja-rosada, manchada.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0006.

9

Ânfora a que falta o topo do colo, as asas e a base do fundo, de tipo Dressel 7/11 (Pompeia VII).

Colo cilíndrico. Asa de fita ovalada. Bojo ovóide. Fundo largo e troncocónico.

Pasta rosa-alaranjada, com uma faixa amarelada junto à superfície externa, de aspecto microgranuloso, branda e muito fina. Superfície externa rosa-alaranjada, manchada.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0003.

10

Ânfora a que falta o fundo, de tipo Dressel 7/11.

Lábio de fita, moldurada e arqueada. Colo ligeiramente côncavo. Asa de fita, alçada. Bojo ovóide. Fundo largo e troncocónico.

Pasta amarelada, de aspecto microgranuloso, branda e muito fina. Superfície externa rosa-alaranjada, manchada.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0001.

11

Ânfora a que falta o fundo e uma asa, de tipo Dressel 7/11 (Pompeia VII).

Lábio extrovertido e moldurado. Asa de fita, alçada e alta. Colo alto e cilíndrico. Bojo piri-forme. Fundo largo e troncocónico.

Pasta rosa-alaranjada, de aspecto microgranuloso, branda e fina, com raros pequenos quartzos, pequenos nódulos ocres e partículas negras. Superfície externa rosa-alaranjada, manchada.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0005.

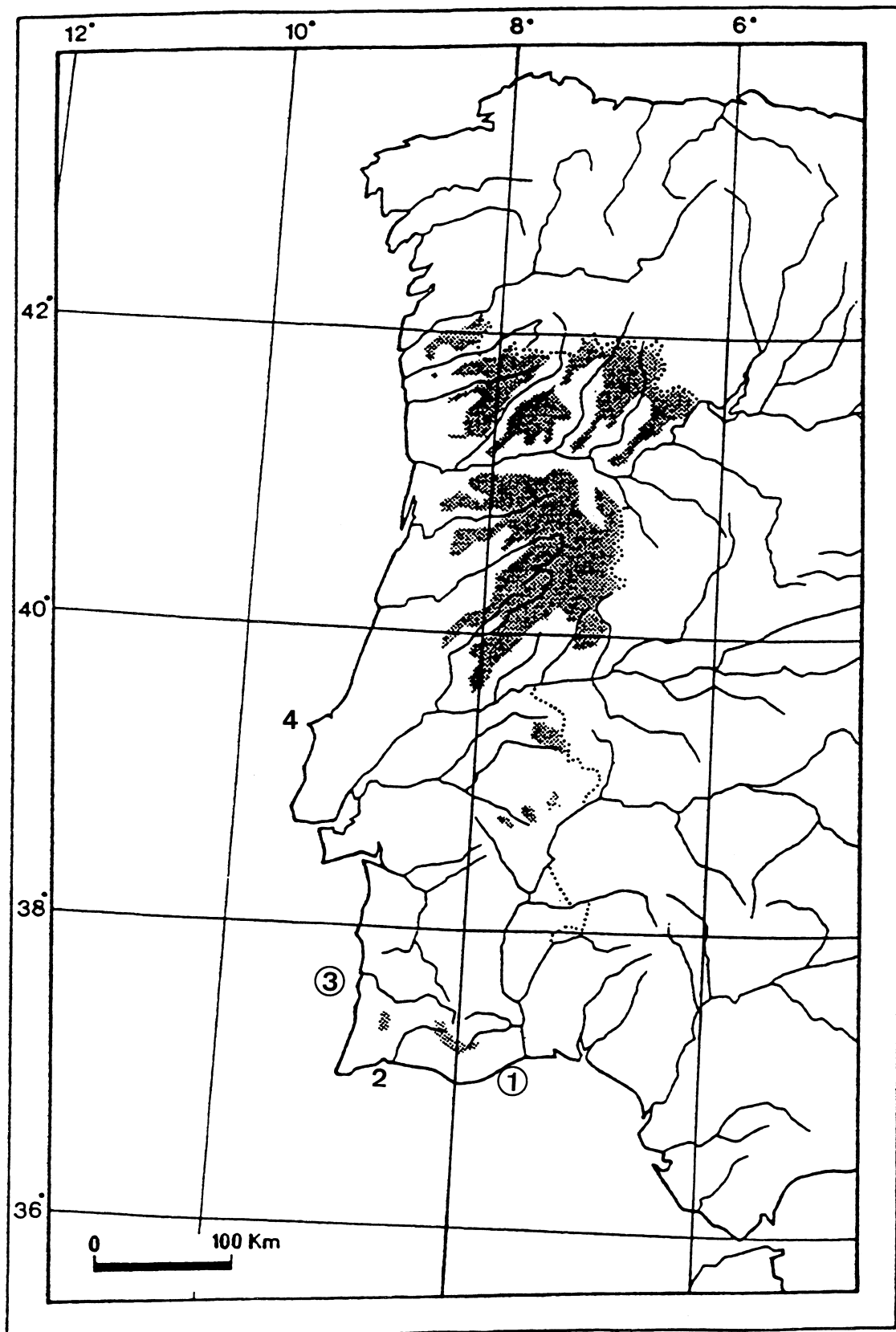


Fig 1 Mapa de localização genérica do local do achado das ânforas (1).

12

Ânfora conservando o bojo e os arranques das asas, do colo e do fundo, de tipo Dressel 7/11. Asas de fita ovaladas. Colo largo. Bojo barriliforme. Fundo troncocónico.

Pasta laranja-amarelada, de aspecto microgranuloso e muito fina. Superfície externa rosa-alaranjada, manchada.

N.º CA/CNANS: 5397.01.0004.

Quadro das dimensões dos atributos das ânfora										
N.º	Bordo			Asa		Colo		Bojo		Fundo
	Diã.	Alt.	Esp.	Lar.	Esp.	Alt.	Diã.	Alt.	Diã.	D.Arr.
1	-	-	-	46	30	-	96	498	336	83
2	-	-	-	52	34	-	94	-	-	-
3	226	56	29	48	22	-	113	-	-	-
4	210	40	40	48	22	175	110	-	-	-
5	228	65	32	61	29	148	107	-	-	-
6	-	-	-	52	20	-	111	-	-	-
7	-	-	-	39	20	-	126	480	283	121
8	-	-	-	-	-	-	129	460	293	121
9	-	-	-	-	-	-	122	483	288	122
10	210	48	35	54	22	137	118	563	328	123
11	161	27	22	49	22	235	126	385	297	120
12	-	-	-	-	-	-	-	555	330	122



Fig 2 Localização do achado na Carta de Portugal, escala 1/1.000.000, do Instituto Geográfico-Cadastral.

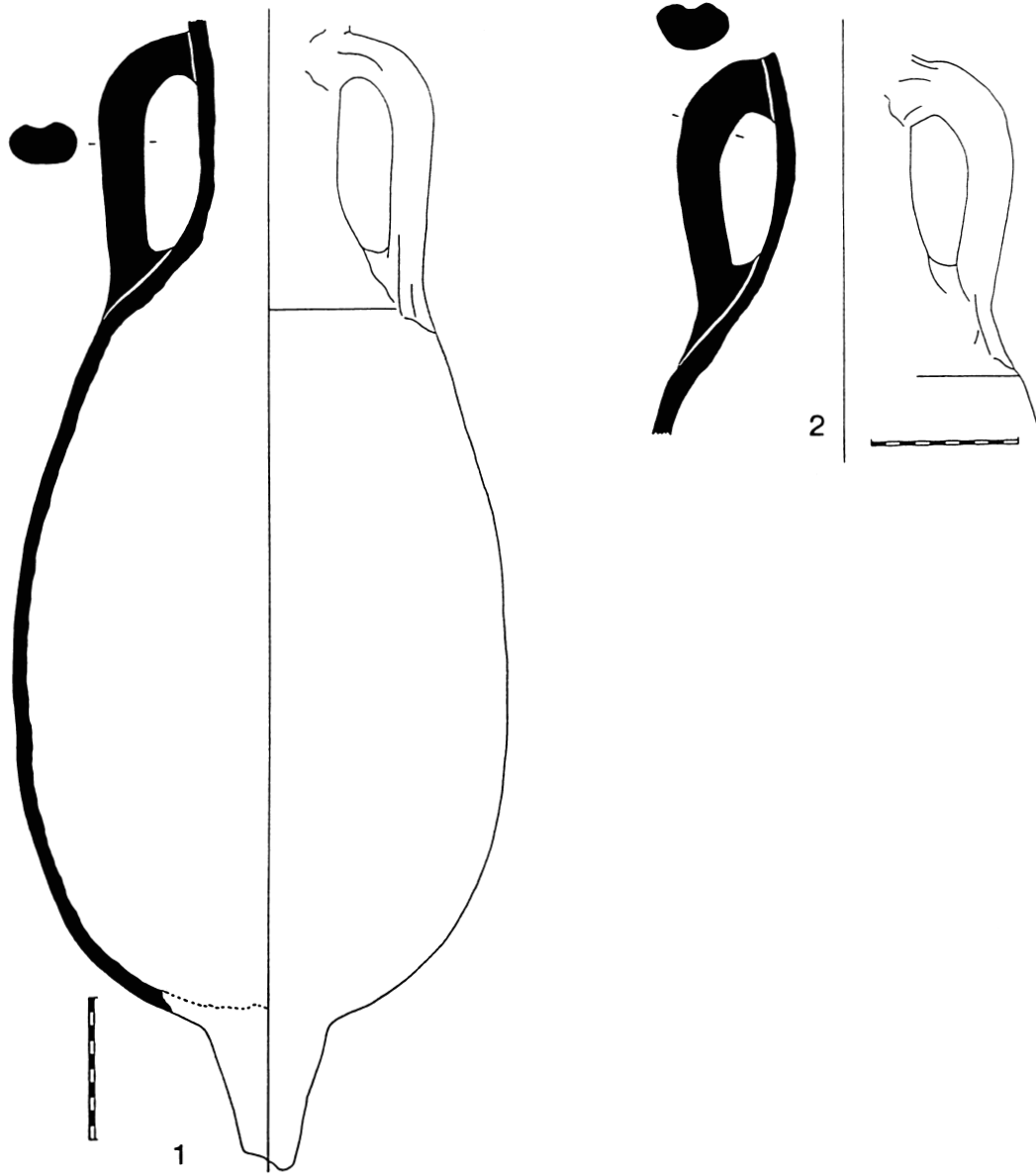


Fig 3 Ânforas de tipo Haltern 70.

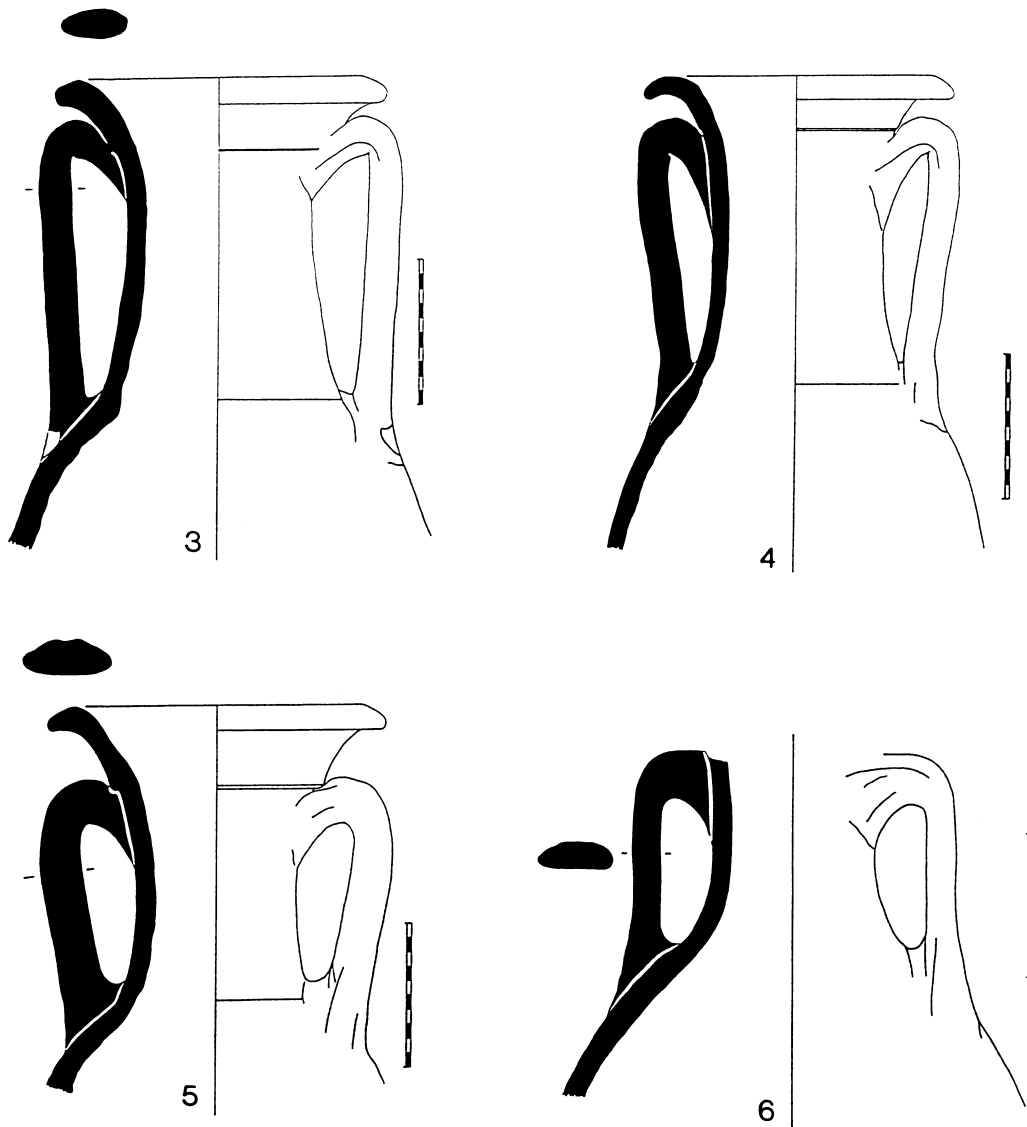


Fig 4 Ânforas de tipo Dressel 7/11.

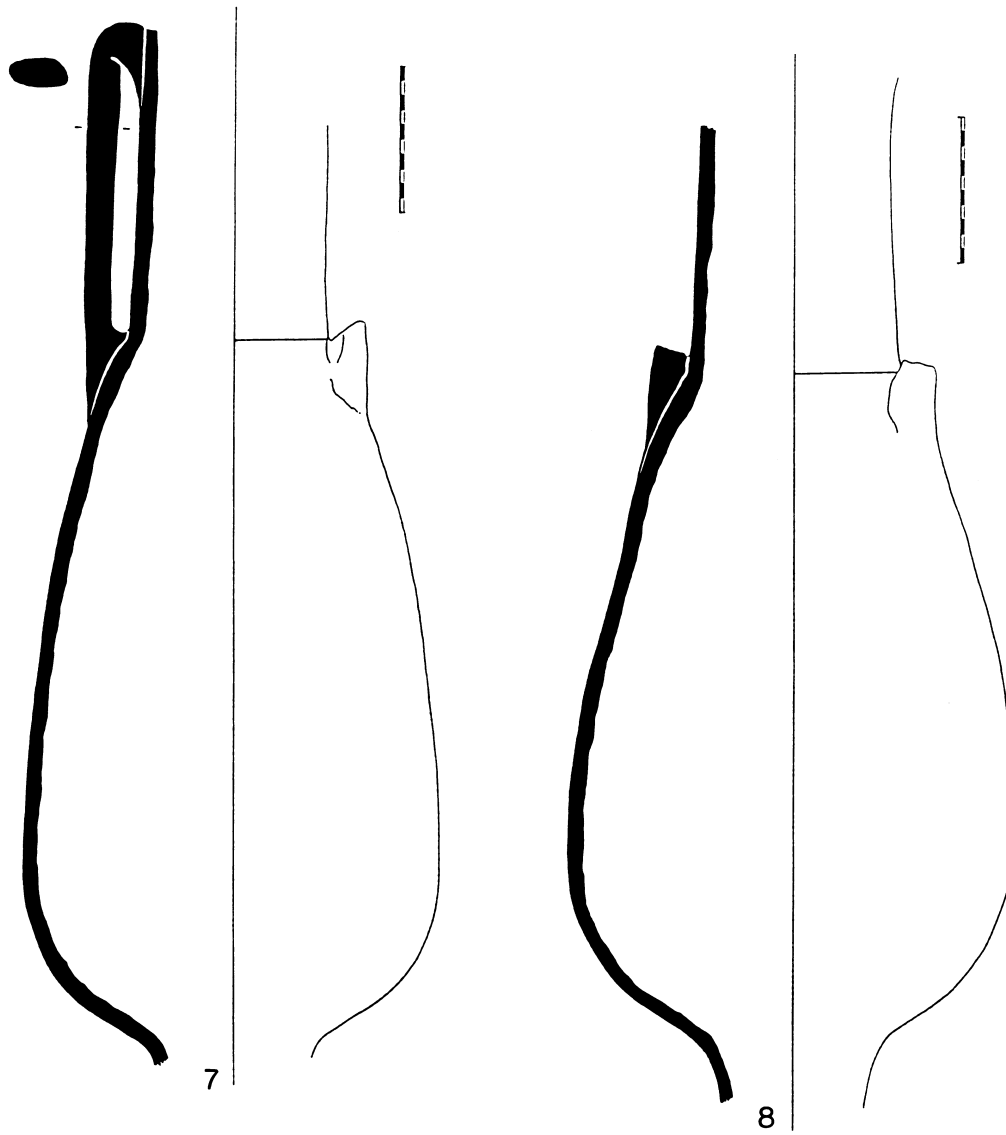


Fig 5 Ânforas de tipo Dressel 7/11.

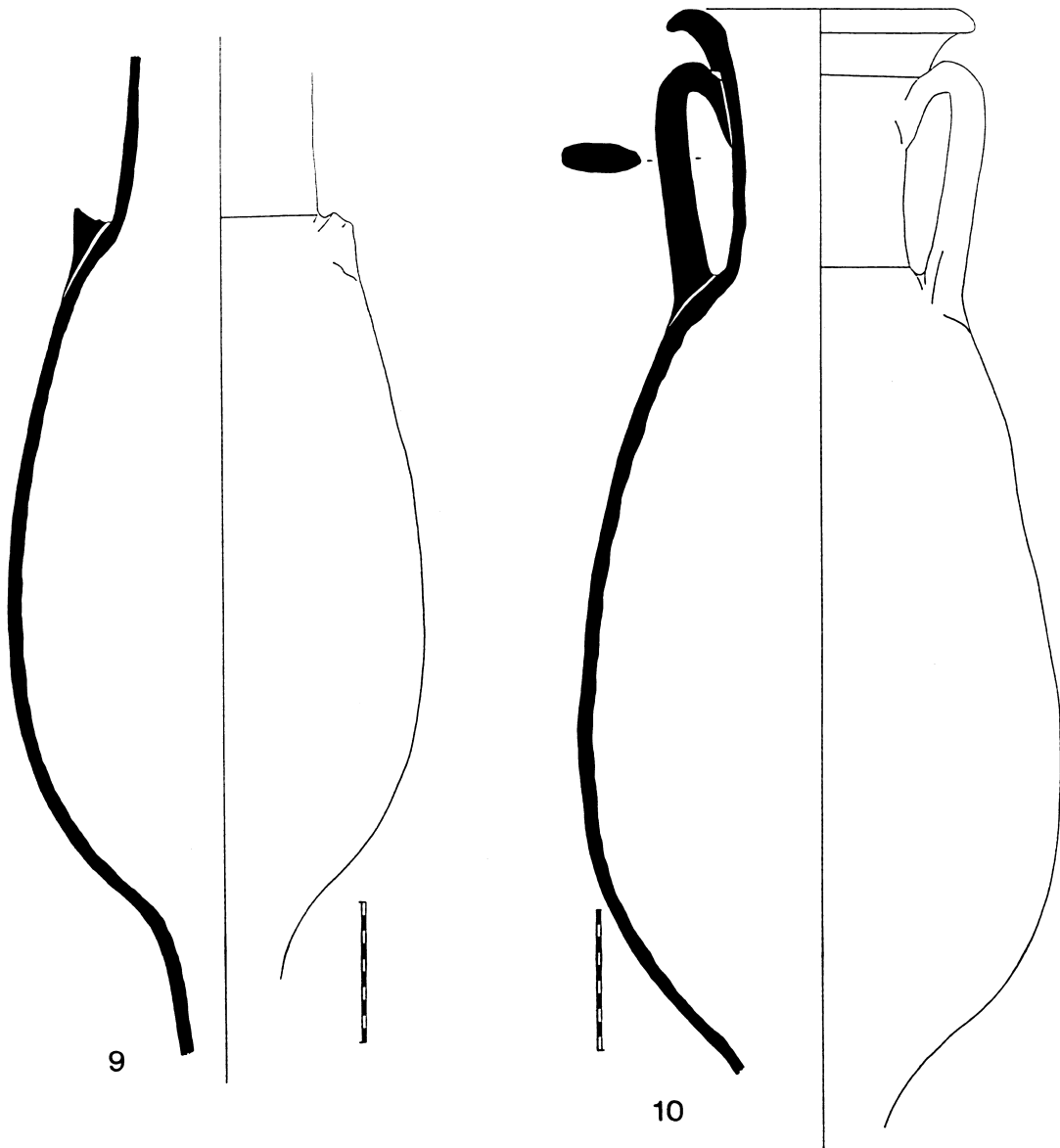


Fig 6 Ânforas de tipo Dressel 7/11.

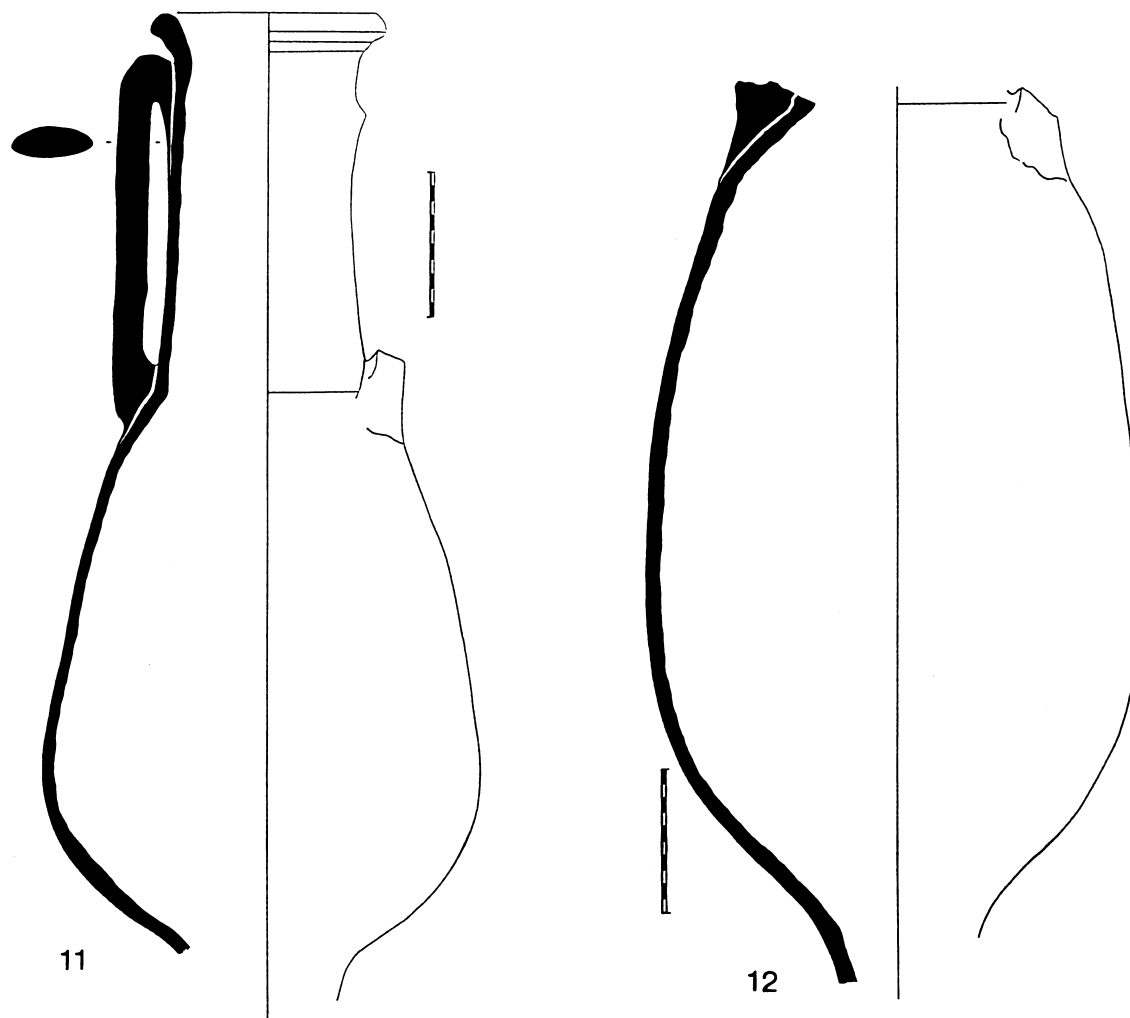


Fig 7 Ânforas de tipo Dressel 7/11.

NOTAS

- ¹ A classificação de ânforas no tipo Pompeia VII, assim denominado a partir da prancha publicada no *CIL*, IV, Suppl. II (Mau, 1909), naturalmente só poderá ser operativa a partir do momento em que este tipo se encontre formalmente bem definido: fundo alto e troncocónico, bojo ovóide ou periforme, colo alto, cilíndrico ou troncocónico introvertido, diferenciado do bojo, asas de fita, compridas e atingindo pequena amplitude, boca larga, de lábio côncavo e moldurado. Generalizar a designação de Pompeia VII a ânforas semelhantes, mas que não compreendam todas estas características, embora sejam fabricadas nas mesmas olarias ou com o mesmo tipo de pasta — aliás comum a vários tipos de ânforas béticas, apenas servirá para impedir a sua caracterização específica dentro do vasto grupo das Dressel 7/11. No caso de Port-Vendres II, onde os Autores afirmam ter encontrado menos de uma dezena de Pompeia VII (p. 40), se a ânfora publicada na Fig. 15, com o n.º 1 se inscreve claramente neste tipo, já a n.º 2 dessa figura e a n.º 41 da Fig. 33 — podendo esta última, segundo os AA. (p. 78-79), pertencer à equipagem do navio e não à sua carga - se afastam da Pompeia VII pelo seu colo curto e côncavo, pelo lábio muito extrovertido e pela asa curta, de maior amplitude e mais espessa e se integram, mais especificamente, no tipo Dressel 7/11. A questão que se coloca é precisamente em que tipo de ânfora foram encontradas as espinhas de cavala, não sendo o fragmento da pequena ânfora n.º 3 da Fig. 15 elucidativo, por não conservar atributos inequivocamente identificadores.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A. M.; FRADE, I.; TRAVASSOS, J. (1987) - Duas ânforas romanas de Cacela (Vila Real de Santo António). *Conimbriga*. Coimbra. 26, p. 125-131.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1970) - *Las ánforas romanas en España*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico".
- COLLS, D.; ÉTIENNE, R.; LEQUÉMENT, R.; LIOU, B.; MAYET, F. (1977) - L'épave *Port-Vendres II* et le commerce de la Bétique a l'époque de Claude. *Archaeonautica*. Paris. 1, p. 5-143.
- DESBAT, A.; LEQUÉMENT, R.; LIOU, B. (1987) - Inscriptions peintes sur amphores: Lyon et Saint-Romain-en-Gal. *Archaeonautica*. Paris. 7, p. 141-166.
- DIOGO, A. M. D. (1999) - Ânforas provenientes de achados marítimos na costa portuguesa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 235-248.
- LEQUÉMENT, R.; LIOU, B. (1978) - Un nouveau document sur le vin de Bétique. *Archaeonautica*. Paris. 2, p. 183-184.
- LIOU, B. (1990) - Le commerce de la Bétique au I^{er} siècle de notre ère. Notes sur l'épave *Lavezzi 1* (Bonifacio, Corse du Sud). *Archaeonautica*. Paris. 10, p. 125-155.
- LIOU, B.; DOMERGUE, C. (1990) - Le commerce de la Bétique au I^{er} siècle de notre ère. L'épave *Sud-Lavezzi 2* (Bonifacio, Corse du Sud). *Archaeonautica*. Paris. 10, p. 11-123.
- LIOU, B.; MARICHAL, R. (1978) - Les inscriptions peintes sur amphores de l'anse Saint-Gervais à Fos-sur-Mer. *Archaeonautica*. Paris. 2, p. 109-181.
- MAU, A. (1909) - *Corpus Inscriptionum Latinarum*, IV; 2, *Supplementum, Graffiti, vascula*, Berlin.
- SCIALLANO, M.; SIBELLA, P. (1991) - *Amphores. Comment les identifier?* Aix-en-Provence: Edisud.

